

GUERRAS, PESTE E FOME: A FORMAÇÃO DO SISTEMA ECONÔMICO COMERCIAL

META

Apresentar a conjuntura de crises produzidas no século XIV e suas relações com o surgimento de um novo comportamento diante da política, economia e religião.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar as crises experimentadas pelos europeus no século XIV;
destacar a importância da desagregação do sistema econômico funcional, pautado nas incumbências sociais de clérigos, dos senhores de terras e dos servos;

PRÉ-REQUISITOS

Noções de História Econômica. Leituras da aula anterior. Conhecimentos gerais sobre a crise do medievo. Noções sobre a geografia da Europa.



1- Cerco de Orléans (Jules Eugène Lenepveu, 1886-1890), pintura romântica representando Joana D'Arc na Batalha de Orleans. O Cerco de Orleans (de 12 de outubro de 1428 a 08 de maio de 1429) marcou a primeira grande vitória de Joana D'Arc na Guerra dos cem anos e o início do declínio inglês nos outros estágios da guerra; 2- Ilustração na Bíblia de Toggenburg (1411), em que um sacerdote reza por dois doentes com peste negra.

(Fontes: 1 e 2 - <http://pt.wikipedia.org>)

INTRODUÇÃO

Já ao final do século XIII a Europa estava em crise. A depressão experimentada resultava de um crescimento fomentado pela adoção de inovações técnicas. Lembremos: o arado representava uma ferramenta com ampla diferença nos resultados das colheitas da Europa. Mas o salto na produção de alimentos, cada vez maior e de melhor qualidade, exigiu um alargamento constante de zonas agricultáveis. Portanto, a contínua expansão de áreas de cultivo era a única forma viável de manter a economia funcionando bem.

Nesta segunda aula estudaremos como, neste momento de crise, podemos observar mudanças que promoverão novos arranjos sociais, estabelecerão novos modos de organizar os negócios e lançarão as bases para as aventuras além-mar, assim como facilitarão a concentração do poder nas mãos dos reis europeus. O organograma seguinte ilustra as relações de dependência entre os três principais segmentos do medievo. A funcionalidade de cada grupo social acabou duramente abalada. Cabia aos servos produzir, aos cavaleiros defender dos males desta vida, e aos clérigos garantir a proteção contra as forças do além. Porém, durante as crises, os cavaleiros pouco puderam fazer. O mesmo pode ser dito dos clérigos. A produção esteve longe do esperado. O conjunto de problemas apresentados a seguir será fundamental para fraturar um modo de manter a economia. Ao mesmo tempo, estas crises abrem as portas para práticas comerciais inéditas e, juntamente com elas, para a chegada de novos personagens sociais.



Lavar, cuidar da terra, garantir o pão. Eram estas as atribuições fundamentais dos servos. Elas garantiam aos cavaleiros a tranqüilidade necessária para cumprir as suas: proteger os seus senhores e aliados em guerras, evitar os saques, vencer torneios, honrar suas famílias. Por fim, aos clérigos estava reservada a tarefa de proteger a sociedade no universo sobrenatural. Orar era a sua principal incumbência. Assim, orando, os clérigos asseguravam a proteção divina ao povo. A partir das crises ocorridas na Baixa Idade Média, esta sociedade de funções tripartidas entrou em declínio.

UMA EUROPA MENOR...

No século XIV a Europa diminuiu. Ainda assim, a população do continente continuou a crescer até cerca de 1310. Apenas com o advento de fomes violentas

e generalizadas, resultando em uma desorganização das atividades agrárias, o crescimento populacional paralisou. Uma primeira coisa a ser observada é que o Velho Continente experimentou mudanças climáticas, aliadas a desastres naturais, conflitos armados frequentes e a uma consequente redução populacional.

Neste mesmo período, dois outros problemas afligem os europeus: por um lado, havia a **Guerra dos Cem Anos** (1337-1453). Este conflito envolveu três importantes regiões econômicas: Inglaterra, França e Flandres; por outro, a traumática experiência da Peste Negra (1347-1350), trazendo a morte por um mal desconhecido. E o que era difícil, ficou pior graças aos problemas provocados pelas crises demográfica e monetária. A partir de tantos problemas, um novo panorama econômico findou estabelecido.



A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) foi na verdade um conjunto de confrontos bélicos entre França e Inglaterra. Os ingleses, embora apresentassem maior poder militar, tiveram nos franceses adversários com grande capacidade de resistência. Os conflitos foram, em parte, motivados por disputas por regiões de relevância econômica, como a região de Flandres. Esta longa série de batalhas conheceu períodos de interrupção dos combates e mesmo paz.

(Fonte: <http://www.guerras.brasilecola.com>).

A CRISE AGRÁRIA

Os problemas climáticos (nevascas, chuvas torrenciais ou secas prolongadas) foram essenciais para abalar gravemente a produção agrícola europeia em fins dos quatrocentos. Porém, não bastasse a força da natureza, sempre difícil de ser controlada e prevista em suas ações, ainda é possível observar as contribuições humanas para a construção de uma crise talvez sem precedentes nos campos da Europa.

Entre os aspectos ligados a governos e comerciantes, estão as guerras constantes envolvendo regiões como França, Península Ibérica, Escócia, Irlanda, Itália, Alemanha, a zona do Báltico. Tudo isto provocou grandes destruições nos campos. Um dos resultados de tanta devastação foi a tendência de baixas no preço do trigo a partir de 1350. Claro, houve exceções (1361-1362 e 1374-1375, por exemplo). Porém, entre 1350 e 1450, as baixas no cereal chegam a 35% na Áustria, 63% na Inglaterra e 73% na Renânia.

O trigo era (na verdade, ainda é) um alimento fundamental na vida do europeu. Por conta disto, a crise agrária fomentou uma série de graves problemas. Como fios de um único novelo, as dificuldades apareceram: as más colheitas provocaram surtos de fomes. Tamanha penúria, incerteza e desespero levaram populações ao abate generalizado de animais domésticos. Fragilizados, subnutridos, homens e mulheres sucumbiram às epidemias.

Guerra dos Cem Anos

(1337-1453) foi na verdade um conjunto de confrontos bélicos entre França e Inglaterra. Os ingleses, embora apresentassem maior poder militar, tiveram nos franceses adversários com grande capacidade de resistência. Os conflitos foram, em parte, motivados por disputas de áreas de regiões de relevância econômica, como a região de Flandres. Esta longa série de batalhas conheceu períodos de interrupção dos combates e mesmo paz.



Giovanni Boccaccio

Escritor humanista italiano. Admirador de Dante Aligheri, publicou biografias de mulheres ilustres, poemas, mas ganhou notoriedade com *Decamerão*, um divertido conjunto de cem novelas, elaborado entre 1348 e 1353. As novelas influenciam, ainda hoje, muitos escritores. O texto revela forte crítica às instituições medievais e centraliza os valores humanos.

A CRISE DEMOGRÁFICA

O grande problema para a demografia em meados do século XIV foi a Peste Negra. Entre 1348 e 1350, o mundo experimentou uma pandemia (epidemia em grandes proporções) de uma doença que cruzou mares e montanhas, vinda da Ásia, atingindo a Europa impiedosamente. Era a Peste Negra. Mortífera na maior parte dos casos, a doença exerceu papel crucial no rumo da vida econômica do século XIV.

A Peste Negra foi um problema menor em regiões de baixa densidade populacional. Por isto mesmo a doença atingiu mais aos pobres que aos ricos, pois estes puderam fugir dos locais contaminados. Por se propagar mais facilmente em lugares com maior concentração de pessoas, a peste fez-se mais presente em núcleos urbanos do que nos campos. Cidades como Florença e Provença, por exemplo, enfrentaram grandes dificuldades com a doença. E como se desafiasse a força da Igreja, a enfermidade arrastou-se até mosteiros e abadias. As comunidades religiosas, repletas de membros, foram alvos fáceis da doença.

Vamos a outro exemplo. Um livro produzido sob os impactos da peste pode ajudar a entender os efeitos produzidos pela doença sobre os corpos e o imaginário dos europeus. Vejamos o que nos deixou **Giovanni Boccaccio** (1313-1375) em sua obra *Decamerão*. É verdade, a citação é longa. Mas não reclame, pois ela vale a pena:



Decamerão. Através da literatura, podemos observar evidências dos problemas da Baixa Idade Média e das rupturas que se anunciavam.

...tínhamos atingido já o ano bem farto da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na mui excelsa cidade de Florença, cuja beleza supera a de qualquer outra da Itália, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa dos corpos superiores, ou em razão de nossas iniquidades, a peste, atirada sobre os homens por justa cólera

divina e para nossa exemplificação, tivera início nas regiões orientais, há alguns anos. Tal praga ceifara, naquelas plagas, uma enorme quantidade de pessoas vivas. Incansável, fôra de um lugar para outro; e estendera-se de forma miserável, para o Ocidente.

Na cidade de Provença, nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens. A praga, a despeito de tudo, começou a mostrar, quase ao principiar a primavera do ano referido, de modo horripilante e de maneira milagrosa, os seus efeitos. A cidade ficou purificada de muita sujeira, graças a funcionários que foram admitidos para esses trabalhos. A entrada nela de qualquer enfermo foi proibida. Muitos conselhos foram divulgados para a manutenção do bom estado sanitário. Pouco adiantaram as súplicas humildes, feitas em número muito elevado, às vezes por pessoas devotas isoladas, às vezes por procissões de pessoas, alinhadas, e às vezes por outros modos dirigidas a Deus. (...) **A peste**, em Florença, não teve o mesmo comportamento que no Oriente. Neste, quando o sangue saía pelo nariz fosse quem fosse, era sinal evidente de morte inevitável. Em Florença, apareciam no começo, tanto em homens como nas mulheres, ou na virilha ou na axila, algumas inchações. Algumas destas cresciam como maçãs; outras, como um ovo; cresciam umas mais outras menos; chamava-as o populacho de bubões. (...) ...tiveram os meus olhos (como há pouco se afirmou) certo dia, entre outras vezes, a seguinte experiência: as vestes rôtas de um pobre sujeito, morto por essa doença, foram jogadas à rua. Dois porcos, de início, segundo costumam fazer, sacudiram-nas com o focinho, depois as seguraram com os dentes, cada um deles esfregando-as na própria cara. Apenas uma hora depois, após uma convulsões, como se tivessem ingerido veneno, os dois porcos caíram mortos por terra, sobre trapos em tão má hora jogados à rua. (BOCCACIO, 1971, p.13--15).

EFEITOS DA PESTE NEGRA

Os lamentos de Boccaccio não são à toa. Afinal de contas, a pandemia matou entre 25% e 35% da população europeia. Seus efeitos foram desiguais. Se, por exemplo, na Alemanha as mortes não foram tão acentuadas, na França quase 70% da população morreu. Num triste efeito dominó, uma queda demográfica tão abrupta e de ampla abrangência simplesmente aprofundou a crise agrária e desarticulou governos e negócios. Ocorre um “completo desequilíbrio entre oferta e demanda, e entre preços e salários” (REZENDE, 1997, p. 71). Ou seja, a crise demográfica alimentou um colapso no campo. Os prejuízos provocados por ambas foram acompanhados de perto por mais outro grande problema: a crise monetária.

E assim problemas se acumularam. A baixa na mão-de-obra, provocada pela perda de trabalhadores para a peste e para as guerras, forçou o aumento dos salários. O Velho Mundo começou a experimentar o alargamento

As faces da peste negra:

1. Bubônica – aparecimento de inchaço (bubões), principalmente nas axilas e virilhas, sendo mortífera em 70% dos casos;
2. Septicêmica – o bacilo *Pasteurella pestis* passa diretamente para a corrente sanguínea, letal em 100% dos casos;
3. Pulmonar – uma espécie de pneumonia (preferencialmente em estações frias), mortífera em quase 100% dos casos.

Depois dessa pandemia, houve várias epidemias da mesma doença: cinco no século XIV; dez no século XV (Cf. REZENDE, 1997)

do mercado consumidor e a difusão da mão-de-obra assalariada. Com o tempo, um novo cenário de crescimento começou a se desenhar. Tudo isto pressionava por meios de pagamentos. Porém, a Europa carecia de metais amoeáveis. A depressão chegou.

DEPOIS DA DEPRESSÃO

Como se pode perceber, as três crises (demográfica, agrária e monetária) em conjunto provocaram um abalo geral sobre um sistema que se expandia há três séculos. Podemos dizer que foi uma crise de crescimento. Desestabilizada por tantos problemas a economia senhorial, baseada no critério de funcionalidade, não se sustentava mais. Em meio aos tormentos, os clérigos pareciam não mais proteger. Aliás, como escreveu o já citado Boccaccio, eles sequer se protegiam. E os senhores de terra, cavaleiros em suas armaduras reluzentes, o que dizer deles? Suas funções de defesa também não eram mais plenamente cumpridas. Por fim, os servos, formadores do último elo da cadeia, encontraram espaço para ganhar autonomia. A crise generalizada abriu brechas para que parte dos excedentes dos senhores acabasse chegando aos servos, com salários inesperadamente altos, e promovessem um acúmulo de riquezas.

Portanto, a partir das crises do século XIV, podemos considerar alguns aspectos como fundamentais para a constituição do cenário dos séculos XV e XVI. São eles:

1. falência da funcionalidade dos senhores laicos e da Igreja. Isto, sem dúvida, contribuiu para a **centralização administrativa** lançada pelos monarcas dos Estados Nacionais. A Igreja perdeu espaço.
2. crescente intromissão dos Estados na vida econômica. **A intervenção estatal** na economia começa a se tornar uma prática comum, expediente que não experimentará grandes retrocessos desde então. Observemos, por exemplo, as interferências estatais nos níveis de preços e salários (na França, em 1349 ou na Inglaterra, em 1351).
3. apogeu das sociedades comerciais privadas, que assumiram um caráter tipicamente capitalista. A necessidade de desenvolver as atividades comerciais esbarra nas dificuldades com os meios de pagamento. Temos, assim, uma crescente procura de metais nobres e a reativação do comércio de artigos de luxo do Oriente.

Quais as consequências de tudo isto? Uma inédita aliança, fruto das necessidades dos monarcas e da astúcia de comerciantes e nobres acaba delineando-se. Burgueses e Estados aproximam-se e estabelecem ajudas mútuas. Os reis necessitavam de finanças para bancar uma burocracia civil e militar visando taxar adequadamente suas populações. Como contrapartida, os negociantes recebem apoio dos Estados e formam as sociedades comerciais privadas, grandes companhias de comércio. Mas atenção: isto não deve levar à conclusão apressada de que se montou um Estado a serviço da burguesia nascente. Trata-se antes de uma relação tensa, na qual os dois lados procuram tirar o melhor proveito disto.

CONCLUSÃO

Tudo isto foi acompanhado por um processo fundamental, algo que modificou o jeito de lidar com a terra na Europa. A partir de um redimensionamento visando maior produtividade, as atividades agrícolas foram regionalmente especializadas e promoveram o surgimento de áreas de monoculturas. A policultura europeia dava lugar a um uso mais racional dos solos. Com isto nascem “áreas exclusivamente dedicadas à cultura de cereais, outras onde predomina a vinha, áreas dedicadas às plantas têxteis e tintoriais, e outras onde a pecuária se faz absoluta” (REZENDE, 1997, p. 78).

Deste modo, com as regiões especializadas em determinadas culturas, alterou-se também a concepção que se tinha sobre o trabalho camponês. Agora, é preciso considerar a qualidade deste serviço, não apenas a quantidade dele.

A construção de um cenário de terrenos especializados, a mudança de policulturas para monoculturas teve resultados importantes. Afinal, elas contribuíram para que os eixos econômicos tradicionais perdessem seu lugar. O Mediterrâneo e o Báltico não mais alimentavam a Europa. Assistesse à decadência dos **Eixos econômicos tradicionais**. A África e a Ásia se tornam destinos imprescindíveis e a obtenção de novas rotas, necessidade inevitável. Assim, a Europa Centro-Atlântica surge para comandar a economia continental.

RESUMO

O início da Idade Moderna apresenta sérios problemas herdados do Medievo. A ineficiência dos métodos de cultivo no campo, aliada às sucessivas guerras e doenças do período contribuíram para a diminuição populacional na Europa. Com isso havia menos braços para cuidar da lavoura. Tal problema alimentou dificuldades econômicas no Continente. Nesse sentido, a peste negra merece destaque, tendo sido responsável pela morte de 1/3 da população europeia. Um resultado crucial deste conjunto de crises que assolou o Velho Continente ao fim do século XIV foi a fratura no tradicional critério de funcionalidade entre servos, senhores e clérigos.



ATIVIDADES

1. A obra de arte pode ser uma interessante fonte para a História. Como tudo que o homem tocou, a arte pode ajudar a analisar o passado. Claro, não a vê-lo como numa fotografia, mas para ajudar a entender o que as pessoas faziam, como agiam, sentiam e interpretavam os problemas e acontecimentos do seu tempo. Sabendo disto, procure informações sobre manifestações artísticas do período aqui analisado e, após isto, escreva sobre os possíveis “sinais” de crise que você conseguiu identificar nelas.



COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Entre as obras enfocando o período, percebemos uma diversidade de possibilidades de abordagem. Porém, merece destaque a frequência de imagens ligadas ao universo sobrenatural. A morte se faz presente na arte, numa nítida influência dos tempos da peste negra.



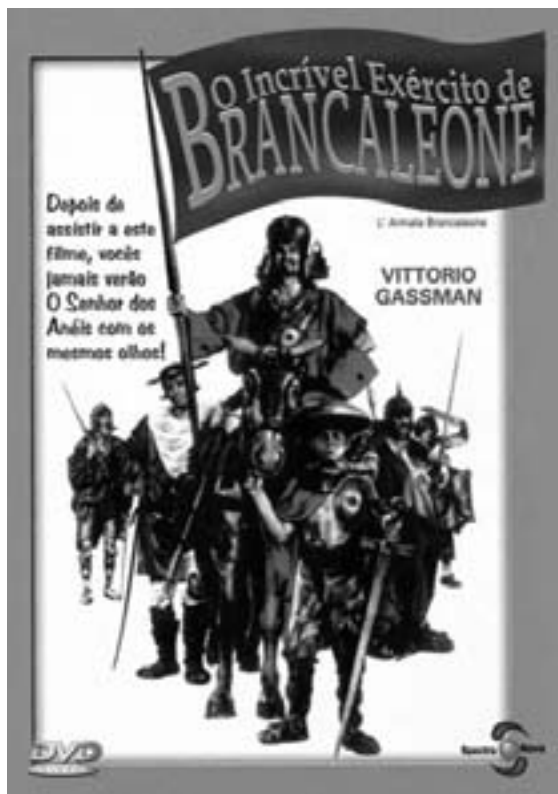
AUTOAVALIAÇÃO

A atividade de pesquisa exigirá do aluno capacidade de observação e reflexão sobre o conteúdo da aula. Será preciso ter atenção para interpretar as imagens e proceder a considerações sobre como os artistas representavam as mudanças trazidas nos momentos finais do medievo.

FILMOGRAFIA RECOMENDADA

MONICELLI, Mario. O Incrível Exército de Brancaleone . Itália/Espanha/França, 1966. 120 min.

Sinopse: Brancaleone de Norcia (Vittorio Gassman), um atrapalhado cavaleiro, é contratado como líder de um pequeno e diversificado bando: inicialmente são três saqueadores, mas depois se juntam ao grupo um negociante judeu, um nobre de poucas posses. Os “contratantes” de Brancaleone estão com um pergaminho (na verdade roubado de um cavaleiro ferido) que lhes dava a posse do reino de Aueroastro. Contudo, a aventura até o tal feudo é muito mais complicada do que parece. Observações: Esta comédia italiana apresenta representações bastante interessantes sobre os problemas da Baixa Idade Média. A peste negra, as guerras, a fome, assim como a decadência da cavalaria são abordados na película. O poder da Igreja e os problemas em torno da fé também são explorados pelo diretor. A narrativa é inspirada em D.Quixote (1605), de Miguel de Cervantes.



Capa do DVD do filme *O Incrível exército de Brancaleone*.
Fonte: <http://blog3.opovo.com.br>

REFERÊNCIAS

- REZENDE, Cyro. Sistema econômico comercial. In: História Econômica Geral. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 67-86
- McEVEDY, Colin. Atlas de História Moderna (até 1815). Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOCCACIO, Giovanni. Decamerão. 2ed. Trad. T.Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo, MARQUES, Adhemar. A crise do feudalismo. In: História Moderna através de textos. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção textos e documentos, 3).p.22-37.